

Episódio 3: “Populismos e informação”

[mix de ruídos introdutórios]

Pedro Portela [apresentador]: Estados do Tempo. Porque a informação sobre populismos é um bem de primeira necessidade.

[música]

Pedro Portela: Olá, bem-vindos ao episódio número três do Estados do Tempo, um podcast que hoje se vai centrar no tema de populismo e informação e que terá uma conversa moderada por Luís António Santos.

Luís António Santos [moderador]: Soubemos dizer isso a gerações sucessivas de pessoas nascidas, por exemplo, em Portugal, depois do 25 de Abril.

Pedro Portela: Luís António Santos é docente no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, onde faz parte do seu Conselho Geral e tem, ainda, uma carreira ligada ao jornalismo. É ele quem vai conduzir a conversa com a nossa convidada de hoje, Isabel Estrada Carvalhais.

Isabel Estrada Carvalhais [convidada]: E aquilo que eu temo um bocadinho é que, agora, também se queira passar a mensagem de que só defendemos os valores europeus se nos armarmos até aos dentes.

Pedro Portela: Conheçamos um pouco mais do perfil desta nossa convidada de hoje através da apresentação por parte de Luís António Santos.

Luís António Santos: A Isabel Estrada Carvalhais é professora associada com agregação na Universidade do Minho, leciona nas áreas da Ciência Política, das Relações Internacionais, na Escola de Economia, Gestão e Ciência Política, uma escola que mudou

de nome recentemente, onde é diretora do mestrado em Relações Internacionais e investigadora do Centro de Investigação em Ciência Política. Para algumas pessoas poderá também ser conhecida pela sua atividade recente na política. Em 2019, integrou, como independente, as listas do Partido Socialista ao Parlamento Europeu e foi eleita, desempenhando um mandato de eurodeputada até 2024, altura em que recebeu também, nesse ano, em 2024, a Medalha de Prata de Mérito da cidade de Braga.

Pedro Portela: Temos assim todas as condições reunidas para que esta seja uma excelente conversa. Ouçamo-la.

Luís António Santos: Olá. Nós estamos em mais uma emissão do Estados do Tempo. Temos connosco, hoje, Isabel Estrada Carvalhais, a quem agradeço a presença neste podcast. Muito bem-vinda.

Isabel Estrada Carvalhais: Muito obrigada.

Luís António Santos: Para falarmos de populismos. E a primeira pergunta que eu faço é, se calhar provocatória, até sobre a natureza desta conversa... Tem a ver com o facto de que algumas palavras, como esta, populismo, ganharam agora uma presença enorme entre nós, na nossa vida pública. Não corremos o risco de, pelo facto de, às vezes, a palavra ser instrumentalizada...

Isabel Estrada Carvalhais: De a banalizar?

Luís António Santos: De ela perder sentido. É uma primeira pergunta que podia ser a última, mas vamos lá então.

Isabel Estrada Carvalhais: Claro. Antes de mais, muito obrigada pelo convite. Uma saudação para todos os que nos acompanham. De facto, os populismos são um conceito muito amplo, muito complexo. Há quem olhe para o populismo como uma ideologia política em si mesma. Há quem o considere apenas como, de alguma forma, uma estratégia de comunicação que, depois, acompanha outras ideologias. De qualquer das

maneiras, podemos falar de populismos à esquerda e à direita. E o receio que eu tenho sempre com estes termos - e não é só com populismo, quando falamos em extremismo, quando falamos, enfim, daquelas *buzzwords*, as palavras-chavão - é que elas se banalizem. E o que eu noto muitas vezes, sobretudo no discurso político... eu fico a pensar, será que quem está a falar nas televisões, os atores políticos que são convidados para os debates, se eles têm consciência de que a maior parte das pessoas é completamente indiferente à utilização destes chavões. Ou seja, quando eu ouço um político dizer: temos de ter muito cuidado com o crescimento dos populismos. A maior parte dos jovens de 15, 16, 17, 18 anos, para eles é apenas uma palavra, porque faltam-lhes, muitas vezes, referenciais, qualquer coisa que preencha essas palavras. Para nós, quando eu digo para nós, enfim, pessoas um pouco mais velhas, depende de uma pequena geração, 40, 50 anos, por aí, mas não tem que ser só ligada à idade. Para quem... Por exemplo, para quem lê, para quem gosta de história, para quem acompanha a realidade política, ao longo do tempo, de um país, e, portanto, não temos que ser sempre testemunhos vivos daquilo que está a acontecer. Portanto, quem gosta de história consegue preencher, de alguma maneira, estes conceitos e consegue entender quando se fala em fascismo ou quando se fala em nacionalismo, consegue preencher esses conceitos. Muitas pessoas não sabem o que é que lhes vão meter lá dentro. E, portanto, são apenas termos que elas ouvem, na televisão, na rádio.

Luís António Santos: Palavras que se atiram.

Isabel Estrada Carvalhais: São palavras, são palavras. E não conseguem ver... Por que é que eu tenho que ter medo disso? Não há nada de palpável que elas consigam identificar como relevante nas suas vidas. E esse é o grande medo, é a banalização do discurso e destas palavras e depois, de facto, não serem explicadas às pessoas. E isto vai sendo cada vez mais acentuado, eu diria, porque, à medida que o tempo passa - por exemplo, na nossa sociedade estamos agora a celebrar, os 50 anos do 25 de Abril, depois vamos ter os 50 anos da Constituição, no próximo ano... Mas, à medida que os anos passam, as pessoas que têm a memória viva desses acontecimentos vão desaparecendo, naturalmente, e, portanto, ficamos apenas dependentes daquilo que são as narrativas históricas, aquilo que fica nos livros. E quem não lê, quem não aprecia a história, quem

não tem a oportunidade de a perceber, também vai ficando cada vez mais desligado daquilo que são os elos que se procuram fazer, muitas vezes, entre estas palavras e a experiência do passado. O populismo: cuidado com o populismo, porque já no passado aconteceu isto ou aquilo. Ou no caso do nacionalismo: lembrem-se daquilo que foram os horrores do nacionalismo do século XX. A maior parte de nós já não tem essa consciência, portanto, só estudando, só lendo, e vai havendo um distanciamento emocional das pessoas, e cognitivo, relativamente a estes conceitos.

Luís António Santos: Será que nós, enquanto comunidade, nomeadamente através da escola, da escola pública, dissemos... Soubemos dizer isso a gerações sucessivas de pessoas nascidas, por exemplo, em Portugal, depois do 25 de abril, soubemos dizer isso de forma muito clara? Será que nós conseguimos fazer isso bem através da escola pública? Alertar para essa dimensão histórica de alguns conceitos, a que é que eles se ligam, a que factos históricos, a que momentos históricos, a que ideias políticas, nós soubemos fazer isso ao longo das últimas, sei lá, três décadas, por exemplo?

Isabel Estrada Carvalhais: É um bocadinho, diríamos assim; ah, não soubemos fazer. É agressivo, porque eu acho que, sobretudo quem está na escola pública, ao longo dos anos, vai fazendo esse esforço. Agora, o próprio ensino está orientado para a aquisição de conhecimentos, a parte mais cognitiva, portanto, é dar os programas, há uma preocupação muito grande, como nós sabemos, e trabalhar estas questões... Por exemplo, isto não pode ser só trabalhado na disciplina de cidadania e desenvolvimento. Estas são matérias que devem ser transversais, trabalhadas em todas as disciplinas que os meninos vão tendo, em português, até mesmo na matemática. Ela tem que estar sempre presente, porque é a nossa cidadania, no fundo, que está aqui em questão. E muitas vezes estas temáticas são acantonadas ou para a cidadania, ou então para as aulas de história. E eu diria que os professores, de uma maneira geral, fazem um grande esforço. E eu ainda sou de um tempo, já pareço uma velhota, mas é verdade, em que nós nunca falávamos de 25 de abril. Aquilo ficava lá no final do programa de história, nunca havia tempo para dar, mas não era só isso. Ainda havia uma carga ideológica e emocional muito forte, e os próprios professores tinham receio de abordar aqueles temas. Para já, porque eles mesmos tinham sido, muitos deles, atores, pessoas que

viveram aquilo na primeira pessoa, e tinham as suas memórias. E, portanto, também não conseguiam passar, se calhar, um discurso mais distanciado. E depois, porque também eram alvo de alguma censura, eu recorro-me. Censura no sentido dos pais dizerem: ah, mas porque é que agora tem que estar a falar destas coisas, e do PREC, e do Gonçalves, e os meus miúdos não têm nada que saber destas coisas, isso não é relevante. Só agora, de alguma maneira, eu acho, é que vai havendo esta possibilidade de mostrar nas escolas, e eu acho que esse esforço é feito, verdadeiramente feito, de mostrar às novas gerações o significado desses momentos da nossa história, que é muito rica. São poucos os países, poucas as nações, vamos dizer assim - o próprio termo nação é muito, enfim, dá aqui pano para mangas -, mas são muito poucos os povos, vamos dizer, que têm, eu diria, a oportunidade de, no decurso de um século, e neste caso nem foi de um século, foi no decurso de escassas décadas, teve a oportunidade de se reinventar. Ou seja, nós vamos vivendo, vamos gerindo o nosso dia-a-dia, e somos muito velhos nisto de sermos portugueses. De repente, quando chegamos ao final dos anos 70 e início dos anos 80, Portugal está numa fase de... é quase uma introspeção pessoal, quem somos nós? Mas é uma introspeção coletiva, quem somos nós? Aquele tempo da totalidade portuguesa, como lhe chamou o José Matoso, tinha terminado. E, portanto, nós somos todos herdeiros, ainda, de um período de reconstrução da nossa própria identidade. Conseguir passar isto nas salas de aulas para os jovens, falar de forma, eu diria, descomplexada, arejada, sobre estas questões, levá-los a... Não é fácil, mas também garanto, daquilo que eu tenho visto, quando tenho a oportunidade de ir às escolas secundárias - e gosto muito de ir às escolas, tanto, digamos, ali à parte do segundo e terceiro ciclo... primeiro, segundo, terceiro ciclo, adoro, e às escolas secundárias. Os miúdos, eles querem saber, eles são os primeiros a terem uma vontade enorme de exercício da sua cidadania, que passa por compreender estas questões. Têm que ter mais oportunidades. E a escola pública está desenhada de tal maneira que limita muito o espaço, o tempo e as oportunidades que os próprios professores têm para abordar estas questões, para trabalhá-las em sala de aula, e para não passar estereótipos. Porque depois também é um risco que se corre: é haver uma leitura estereotipada do 25 de abril, do 25 de novembro, que agora também se fala, depois do 25 de abril, a Constituição. E, portanto, vai-se colocando umas caixinhas, uns textos, vamos dizendo assim, isto representa aquele ano, e não se vai a fundo, não se vai tentar

encontrar a memória que está associada a estes momentos marcantes da nossa sociedade e de nós enquanto povo.

Luís António Santos: Em todo caso, isto que está a acontecer em Portugal tem, naturalmente, essas ligações à passagem de meio século, portanto há gerações que vão desaparecendo e parte do conhecimento perde-se. Mas vou querer agora, nesta pergunta, alargar um pouco para o âmbito europeu. Mas acontece num contexto europeu, e até mundial, também de ressurgimento de algumas propostas políticas que retomam tons desse populismo do início do século passado. Portanto, apesar de nós termos as nossas circunstâncias, as nossas circunstâncias parece que, de alguma forma, em alguns aspectos, se encaixam nas circunstâncias de outros países. E nesse contexto a minha pergunta é: o que quer que seja a resposta, a solução, e não haverá apenas uma, terá também que ser pensada no contexto europeu?

Isabel Estrada Carvalhais: Sim, sem dúvida. Quando estava a falar eu pensei: nós que andamos sempre tantas vezes em contraciclo, e por vezes em bons contraciclos relativamente àquilo que são dinâmicas europeias... Estou a pensar naquilo que foi, por exemplo, a nossa abordagem às questões da nacionalidade, desde 2006, que era em contraciclo com aquilo que já se via, que já se respirava no resto da Europa. Nós que costumávamos fazer isso, agora estamos absolutamente em ciclo, sintonizados com o que acontece na Europa e o que acontece no mundo. E as circunstâncias, de facto, estimulam... Porque estas abordagens populistas e dentro do... Se quisermos depois também falar, dentro do populismo, por exemplo, o discurso ultranacionalista, o protecionismo, este medo do outro, o voltarmos a olhar para... a achar uma coisa que é curiosa e que até é contranatura, entre aspas, que é achar que as identidades - as identidades nacionais - são fixas. Eu digo contranatura porque, neste sentido, o que é próprio de uma identidade, seja pessoal, seja nacional, é precisamente a evolução. Nós somos velhos nisto de sermos portugueses porque temos tido esta capacidade de incorporar muitos outros e muitos rostos, bem ou mal, mas isto acontece com todos os povos. E, portanto, esta ideia, por exemplo, de uma identidade reificada, nós somos o que somos, e isto já está muito bem definido, este protecionismo... Claro que é algo que sempre esteve presente nas sociedades, não é inventado agora. Quando as

circunstâncias... É sempre aquela máxima do Ortega y Gasset, eu sou eu e as minhas circunstâncias. Quando as circunstâncias ajudam, como é o caso - e efetivamente a guerra na Ucrânia, provocada pela Rússia, tem sido um grande impulsionador também deste, por exemplo, desta preocupação com a defesa na Europa. Quando as circunstâncias se reúnem, tudo isto vem novamente ao de cima, e, portanto, nós vemos o ressurgir destes discursos nativistas, inclusivamente, de purezas, de sangue, coisas do género, e isto não são novidades, estão sempre à espera da oportunidade. É um bocadinho como os cogumelos, é como na natureza, quando há as circunstâncias, aquilo floresce ou não floresce. Agora, todos nós, enquanto sociedade, temos... Eu julgo que, em primeiro lugar, não temos que ficar assustados. Eu acho que vai haver um crescente pânico nas pessoas, um pânico calado. As pessoas sentem que são apanhadas nesta linguagem e que, se calhar, não a conseguem contrariar. Às tantas esta linguagem é que é correta e vão um pouco na onda. Portanto, é por aí que temos que ir e, então, vamos proteger-nos. Mas isto tem que ser pensado, dentro do possível, com calma, com serenidade. E tem que ter respostas, de facto, que não sejam nacionais. Não podem ser, de facto, locais, têm que ser pensadas, também, a nível europeu. E isso é que é o problema. Porque nós, agora, quando olhamos para a Europa - e entre estes dias, recentemente, isto aconteceu - a Europa está muito empenhada, e eu entendo, vejo a preocupação, em ter uma política de defesa. E anunciou, por exemplo, que até ao final de 2027 vamos todos ter uma espécie de espaço Schengen militar para agilizar a movimentação daquilo que são os efetivos militares. E eu compreendo, e todos nós compreendemos isso. Não há aqui assim nada de maldoso ou de estranho. Há uma necessidade efetiva. Porque nós estamos mesmo aqui ao lado da Rússia. Tendemos a esquecermo-nos, mas é verdade. E de outras potências também, porque o mundo está cheio de indivíduos e de potências com comportamentos estranhos. Pronto. Estamos preocupados com isto.

Mas, como é que vamos reverter este pensamento da Europa, por exemplo, neste momento, é muito difícil. Qualquer pessoa que neste momento diga assim: não vamos pensar só na defesa. Porque aquilo que é a identidade, verdadeiramente, do projeto europeu é a dimensão social. Se nós retirarmos esta dimensão social, não faz sentido nenhum. A Europa, o projeto europeu, não tem identidade. Esboroa-se. É outra coisa. Eu costumo dizer isto, às vezes até em conversa com os meus alunos: nós até podemos

aceitar isto. Mas temos de ter consciência que isto implica uma alteração da própria identidade do projeto europeu. Ou seja, nós não podemos querer continuar a apresentar-nos ao mundo como um *soft power*, naquela lógica do construtivismo social, e eu passo aqui, peço desculpa por este... Enfim, isto não interessa nada, como diz o outro. Mas esta ideia de que somos capazes, pelas boas práticas e pelo discurso, pela palavra, somos capazes de instigar comportamentos diferentes no outro e levá-los... que é um bocadinho a lógica, por exemplo, das questões ambientais - nós fazemos determinadas coisas, na expectativa de que, depois, outros países também correspondam, porque depois uma coisa leva à outra e também tem que entrar aqui na onda das questões ambientais.

Mas nós não queremos ser isso e ao mesmo tempo sermos um bloco que aposta no orçamento para 2028 e 2034, por exemplo, que vai alocar 10 vezes mais orçamento a questões militares. Se o quisermos fazer, e eu digo isto, há que fazê-lo, muito bem, faça-se.

Luís António Santos: Alteramos a nossa identidade.

Isabel Estrada Carvalhais: É, mas com consciência de para onde é que estamos a ir, com consciência de que isto nos altera. E, portanto, nesta fase, tentar contrariar, lá está, ir em contraciclo a estas dinâmicas, quando temos uma guerra à porta, etc., é, de facto, muito difícil. E, portanto, o que é que um académico, um pensador, um professor pode fazer é tentar esclarecer, tentar informar, tentar ajudar os alunos a navegarem para aquilo que é a literatura que eles podem encontrar e que os pode auxiliar. Mas, obviamente, não podemos sozinhos, nem nós, nem ninguém, contrariar aquilo que é, neste momento, um paradigma, que parece ser o paradigma certo. E isto depois também só a história que nos diz se é certo ou se não é.

Luís António Santos: Ao mesmo tempo que, peço desculpa por interromper, mas ao mesmo tempo que a Europa faz, se calhar, essa viragem para uma Europa mais bélica, não é... E a Europa tem muito estas coisas, estes movimentos que às vezes parecem opostos - e é assim que a Europa, se calhar, foi avançando -, aprovou, no final, já deste ano, também, um conjunto de estratégias: uma delas chama-se European Democracy

Shield e a outra é a Estratégia Europeia para a Sociedade Civil. Portanto, um escudo para a democracia e uma estratégia para a sociedade civil. Portanto, temos uma Europa, por um lado, a fazer esse caminho mais bélico, mas, por outro, a perceber que, fazendo esse caminho mais bélico, pode estar a pôr em causa outras coisas, como se dizia há pouco, não é? E fala-se, nomeadamente, em salvaguardar a integridade dos espaços informativos - só palavras bonitas - fortalecer as instituições democráticas, os médias independentes, a promoção dos valores europeus. A minha pergunta aqui é: a Europa vai poder continuar a jogar nestes dois tabuleiros? Vai poder continuar a fazer isto?

Isabel Estrada Carvalhais: A Europa é boa a jogar em vários tabuleiros, nesse aspecto. Vai continuar, mas isto até nos leva à pergunta inicial da banalização, porque, de facto, as pessoas, quando leem essas palavras, se ouvirem numa televisão... Nós devíamos ser obrigados, devíamos ser habituados, desde pequeninos, a exercer o pensamento crítico. E é muito difícil fazê-lo. Quando dizemos pensamento crítico, mas isso é o quê? Estarmos sempre a questionar tudo à nossa volta? Não, mas, por exemplo, quando dizemos os valores europeus, perguntar, estão-se a referir a quê?

Luís António Santos: Quais são?

Isabel Estrada Carvalhais: Quais são os valores europeus? Valores da solidariedade, valores da democracia liberal, do respeito pelas liberdades, pelas minorias, enfim. Porque isto também não está claro. Dizemos que isto é o projeto europeu desde o início, mas isto não estava assim tudo tão clarinho desde o início. A dimensão social, sim, eu diria. Mas é preciso levar as pessoas a não aceitar passivamente estas palavras. Defesa do Estado de Direito. A maior parte das pessoas tem a noção do que é o Estado de Direito, o que significa, no fundo, a existência de um entendimento do poder político que não funciona de maneira arbitrária, mas que funciona de acordo com leis, aplicadas de modo universal, abstrato, e que salvaguardam os direitos das pessoas. Um Estado de Direito é a diferença de um Estado arbitrário. Por exemplo, quando nós ouvimos o Donald Trump - isto a propósito até das questões da liberdade de imprensa - quando ele diz: a vossa companhia... a vossa empresa de televisão deveria fechar portas, coisas do género.

Luís António Santos: *Fake news*. Outra expressão.

Isabel Estrada Carvalhais: *Fake news, fake news*. Tudo aquilo que não agrada é *fake news*. E são posicionamentos ideológicos muito claros. É o tempo da pós-verdade, não é? E, portanto, eu não gosto... Eu tenho factos alternativos, tenho narrativas alternativas, mas esta postura que ele tem do cale-se, não tem o que falar, você é péssimo, é um péssimo jornalista, a sua televisão deveria fechar. Isto é um posicionamento arbitrário. Isto era aquilo que um déspota, vamos dizer assim, num século XVII, ou até num século XVIII ainda, diria, eu faço, este é o meu entendimento de poder. Um Estado de Direito é um Estado em que o poder não se confunde com a pessoa que o exerce. Porque há instituições democráticas sólidas, consolidadas, que garantem que, independentemente de quem vai exercer o poder, a coisa se mantém. As pessoas não são levadas a pensar nestes conceitos. E por isso ouvem e pensam assim, olha, devem ser boas intenções da União Europeia, mas depois isto, isto em miúdos, troca-se como? E qual é o impacto disto no meu dia-a-dia? E este é que é o grande problema da Europa. Tudo o que a Europa tem dito... Por exemplo, o que acabou de dizer, é extremamente importante. A liberdade de imprensa, a qualidade da informação, estarmos protegidos daquilo que são ataques à informação, à qualidade das notícias que recebemos, tudo isso é fundamental. Mas depois há aqui uma dificuldade em conectar isto com o dia-a-dia das pessoas, que é um dia-a-dia muito marcado por questões pragmáticas. A precariedade laboral, e isso agora está novamente em cima da mesa, como nós sabemos, é o desgaste das suas cidades, que falam muito, lá está, de qualidade de mobilidade, etc. As pessoas não têm essa experiência no seu dia-a-dia e, portanto, elas pensam, isto para mim, na minha vida, de manhã, desde que acordo e levo os meus filhos à escola e vou trabalhar para um sítio que não me agrada, que me paga mal, o que é que isto para mim me interessa? E essa ligação emocional é sempre a grande dificuldade e o grande desafio que se coloca à União Europeia. E por isso é que um dos programas que sempre foi a menina dos olhos, desde que foi criado... A menina dos olhos da União Europeia é precisamente o Erasmus. Porque é dos poucos programas em que a Europa consegue mostrar tudo isso, os valores da solidariedade, da aceitação do outro, da compreensão do outro, enfim, é só mesmo a experiência na prática, no dia-

a-dia, é que isso que se consegue fazer. E é dos melhores programas que existem. Todos os outros são muito importantes na vida das pessoas e estão muitas vezes presentes na nossa vida e nós nem nos damos conta, mas não conseguimos fazer essa conexão emocional e, portanto, não percebemos o que é que isto... em termos práticos, quais são os efeitos que traz para a nossa vida.

Luís António Santos: E as mensagens fáceis...

Isabel Estrada Carvalhais: E o populismo aproveita-se disso.

Luís António Santos: As mensagens fáceis fazem essa ponte com mais facilidade. As mensagens fáceis, concretas, simplistas do género, isto resolve-se assim, fazem essa ponte mais depressa.

Isabel Estrada Carvalhais: Corre-se um risco, porque a simplificação pode sempre levar à falsificação das coisas. O simplificar é um bocadinho ali, é meio passo para, às vezes, não estarmos a dizer bem a verdade. E, portanto, é preciso ter muito cuidado na gestão dessa linguagem. Mas quem domina a comunicação e está nessas áreas, compreende que, efetivamente, é possível, isso consegue-se fazer. Devia-se simplificar. A linguagem da União Europeia, por exemplo, continua a ser uma linguagem pesada, complexa, burocrática, apesar dela, creio, estar mais simplificada. E, portanto, não atrai os jovens, não atrai as pessoas para entenderem, no seu dia-a-dia, a importância desta defesa dos valores. E depois lá está. A defesa dos valores faz-se só reforçando a parte defensiva, militar, ou devemos continuar, precisamente, a apostar em jovens, em novas gerações que conhecem a nossa história, que são estimuladas para o pensamento crítico, para o respeito do outro, para a interculturalidade, aqui num sentido que não é, enfim, teria que ser explicado, mas para esta relação com o outro, percebendo que o outro é apenas um reflexo de si mesmo, e isso é que é viver os valores europeus. E aquilo que eu temo um bocadinho é que agora também se queira passar a mensagem de que só defendemos os valores europeus se nos armarmos até aos dentes. Mas é o ar dos tempos.

Luís António Santos: Por falar em ar dos tempos, e porque estamos já quase a terminar, eu vi um estudo recente, num espaço que se chama Nieman Lab, e o estudo era um bocadinho perturbador. E porque falámos há pouco de Erasmus, sobre os mais novos. Dizia, vou resumir, mas dizia basicamente que muitos novos, muitos jovens, têm consciência clara de que quando navegam na net e quando têm acesso à informação, que os fluxos são pré-determinados, que há lógicas nesses fluxos, as tais lógicas algorítmicas, mas que, sabendo tudo isso, muitos jovens revelam aquilo que o investigador denominou cinismo algorítmico. Ou seja, sabem isso tudo, têm plena consciência disso tudo, mas acham-se impotentes para lutar. E, portanto, deixam-se estar. Aqui a pergunta pode ser como é que se devolve alguma esperança às gerações mais novas que se veem num mundo em que se fala cada vez mais de armas, num mundo mais desagregado, mesmo ao seu nível social, na família, nas comunidades, por causa das questões como a precariedade. Como é que se renova a esperança destas pessoas que têm um futuro enorme pela frente? Como é que se faz isto?

Isabel Estrada Carvalhais: Bom, eu... com certeza que a psicologia até explicará muito melhor isto. Mas quantas pessoas é que nós conhecemos que, do ponto de vista racional, sabem perfeitamente que fumar lhes faz mal e continuam a fumar? E dizem, ah, não, mas eu só não paro porque não quero, que, se eu quiser, amanhã paro e já consigo. Equiparo um bocadinho isso. Portanto, os miúdos sabem quando estão a fazer *scrolling*... até porque agora as próprias redes sociais estão inundadas de pequenos vídeos a dizer: cuidado que faz mal olhar para tantos vídeos e não estejam agarrados ao TikTok e isto põe o cérebro em papa. Mas continuam a ver. E continuam a ver porque é um escape. É um escape fácil. É quase como um cigarro eletrónico. É como um... É um pequeno comprimido, vamos dizer assim, que a pessoa toma naqueles segundos e sente-se bem, desligada daquilo que é o mundo que lhe parece muito pouco interessante à sua volta. E isto há vários fenómenos. Aliás, também no Japão foi, depois da pandemia, houve vários estudos de miúdos que passaram a gostar... a ter um modo de vida alternativo, que é viverem no completo isolamento. Portanto, sempre com fones. E, portanto, a realidade virtual também consegue ser muito mais apelativa, bonita, brilhante, colorida.

Luís António Santos: E controlável.

Isabel Estrada Carvalhais: E controlável. Eu sou herói, eu sou heroína. Eu sou bela e bem-sucedida nesse mundo de fantasia. Pronto, quer dizer, já o Zygmunt Baum nos alertava para estas bolhinhas em que eu seleciono quem gosta de mim, quem não gosta de mim. E, portanto, é muito difícil. Sobretudo quando isto acontece dentro de portas e os próprios pais não se apercebem. E não sabem, muitas vezes, até se apercebendo... é difícil controlar e dizer não estejas agarrado. A escola também não pode fazer tudo, eu diria assim. Portanto, parece que estou aqui sem esperança, porque, na verdade, a resposta não é fácil. Mas eu acredito que os próprios jovens, eles mesmos, vão criar outras alternativas. Eu acredito que isto é um tempo, é um ciclo. E que, eles mesmos, depois... assim como agora, por exemplo, é menos *cool*, fumar. Na nossa altura, os miúdos com 13, 14, já queriam fumar, porque era *cool*. Era a forma de mostrar que se era independente, que se estava a ser adulto. Agora eles não acham propriamente uma coisa... Pelo contrário. Há outros vícios. E eu acredito, até porque já começa a existir este movimento, que é chamado movimento dos privilegiados, que são aqueles que estão desconectados das redes sociais. Portanto, eles podem fazer o *opt-out*, porque têm essa possibilidade, lá está. Porque têm um contexto social, familiar, financeiro, que lhes dá outras alternativas. De irem para a natureza, de fazerem aventura, de viajarem pelo mundo, o quer que seja. Mas eu acredito, porque, em geral, isto, às vezes, começa nas elites e depois também se democratiza, é o bem que tem, que isto depois vem por aí abaixo e os nossos jovens, de uma maneira geral, eles mesmos a dada altura vão estar fartos das redes sociais. São eles que vão criar esse desligar. Eu acredito nisso. Porque nós também temos esta atitude paternalista. É: como é que salvamos os nossos jovens e não acreditamos que eles sejam capazes por si mesmos de se libertarem. E eu acho que eles são e às tantas levam-nos também nessa liberdade.

Luís António Santos: Historicamente foi sempre isso que aconteceu.

Isabel Estrada Carvalhais: Ah, é verdade. Nunca são os velhos que fazem as revoluções.

Luís António Santos: Exato. Uma nota otimista para terminar esta conversa. Agradeço muito à Isabel Estrada Carvalhais a presença. Foi mais um Estados do Tempo. Obrigado.

Isabel Estrada Carvalhais: Obrigada.

[música]

Pedro Portela: Terminamos assim o terceiro episódio do Estados do Tempo. É o terceiro da série. Uma iniciativa do BIP e do Communitas, que contou como convidada Isabel Estrada Carvalhais. Estivemos a falar sobre populismos. A moderação da conversa coube a Luís António Santos, na produção Raquel Batista e Pedro Portela, na gravação, apresentação, edição e pós-produção Pedro Portela e contámos ainda com a colaboração de Luís Pinto. É assim que nos despedimos, marcando um novo encontro para o próximo episódio dos Estados do Tempo. Obrigado por terem estado connosco.

[música de encerramento]